

O DISPARATE DO ESQUECIMENTO: JOÃO SUCARELO

The Nonsense of Forgetting João Sucarelo

Maria do Céu Pereira Duarte¹

RESUMO: Que a biografia e a edição crítica da obra do poeta satírico barroco João Sucarelo Claramonte reforcem a necessidade de uma reavaliação geral do Barroco literário português, para que se identifiquem as suas particularidades e se contrariem os preconceitos que as abordagens do passado originaram.

PALAVRAS-CHAVE: Sucarelo; Barroco; Satírico.

ABSTRACT: May the biography and critical edition of the work of the baroque satirical poet João Sucarelo Claramonte reinforce the need for a general reassessment of Portuguese literary Baroque, so that its particularities can be identified and the prejudices that the approaches of the past have given rise to are contradicted.

KEYWORDS: Sucarelo; Baroque; Satirical.

Clarifique-se de entrada que a biografia e edição crítica da obra de João Sucarelo Claramonte resultam de um trabalho académico iniciado com a nossa dissertação de Mestrado, apresentada, em finais de 2012, na Universidade de Aveiro. Uma vez que muito ficara ainda para explorar no que concerne à poesia do autor, propusemo-nos alargar e aprofundar as nossas investigações, que nos conduziram à *recensio*, à fixação dos textos considerados do cânone do autor e à sua edição, numa tese de Doutoramento, com coorientação da Faculdade de Letras da Universidade de Porto e da Faculdade de Filologia da Universidade de Salamanca, tendo sido defendida nesta instituição em 26 de julho de 2016.

Começamos, então, por adiantar de forma muito genérica, alguns aspetos relacionados com o “temível poeta do Porto”, como lhe chamou José Adriano de Freitas Carvalho (2012: p. 25).

João Sucarelo Claramonte, o poeta satírico seiscentista, de

¹ Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas pela Universidade de Aveiro e Doutora em Línguas Modernas pela Faculdade de Filologia da Universidade de Salamanca.

inequívoca ascendência italiana que ousou definir os “disparates do Porto”², nasceu em Mesão Frio, onde foi batizado a 13 de janeiro, na Freguesia de São Nicolau, no ano de 1619, e não, como durante décadas muitos afirmaram, na Invicta. Contudo, a circunstância não o impede de constituir uma referência literária e cultural desta cidade, embora, injustamente, até à data, com pouca visibilidade, só conhecido nos círculos académicos universitários, mas naqueles que ainda se vão preocupando, qual missão inglória, de resgatar da obscuridade os poetas satíricos barrocos.

Frequentou o curso de Artes na Universidade de Salamanca, como comprova a sua inscrição no ano letivo de 1634-1635; com dezanove anos, em 1638, foi autorizado por Filipe III a exercer Cirurgia e, no ano seguinte, iniciou estudos em Coimbra, concluindo em 22 de junho de 1647 a licenciatura em Medicina, tendo beneficiado, a partir de 1643, do “partido médico”, uma espécie de bolsa de estudo, só atribuída a quem provasse ser cristão-velho, depois de feita a inquirição *de genere*, excluindo-se a possibilidade de ascendência judaica, como muitos aventaram.

As suas pretensões de ascensão social levaram-no a tentar a carreira universitária, sem grande sucesso, e, como contrapartida a exercer funções na Guerra da Restauração em Elvas, onde trabalhou com irregularidade pelo menos entre 1651 e 1658, a exigir os títulos de cirurgião-mor do exército do Alentejo e de médico do Rei, o que veio a acontecer com a portaria de 20 de dezembro de 1650, por ser considerado “hum muito bom cirurgião e medico”, “sojeito perito [...] não só na arte de cirurgia, mas também na medicina”. Em carta régia datada de 24 de junho de 1651, João Sucarelo Claramonte é condecorado com o tão desejado título de Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Depois de, durante vários anos, ter prestado cuidados médicos aos presos da Cadeia da Relação amparados pela Santa Casa da Misericórdia do Porto, João Sucarelo morreu a 3 de setembro de 1668, aos 49 anos, tendo sido sepultado na paróquia de S. Bento da Vitória, desta cidade.

A obra do médico poeta foi coligida³ em 1667 por Cristóvão Alão de Moraes, conhecido genealogista e também escritor de alguma fama, importante por ter sido contemporâneo e amigo de Sucarelo, o que o torna bastante credível nas legendas que acrescentou aos textos do poeta.

Estas são, em traços largos, algumas referências biográficas deste nome relevante da literatura barroca portuguesa mais eclipsada, devido ao seu teor satírico e frequentemente fescenino.

Muitas das pistas que perseguimos foram-nos facultadas pela

² A expressão integra o título do poema de João Sucarelo com *incipit* “As valentias de Gaspar de Anaia”.

³ Manuscrito 755 do Fundo Geral da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

leitura dos seus poemas, tendo em conta até que o autor pontualmente se identificou, “constituindo-se, não raras vezes, ele próprio o referente de poemas em que as alusões ao *eu-aqui-agora* se conseguem documentar com alguma facilidade” (DUARTE, 2016, p. 36). Numa obra repleta de referências culturais, sociais, epocais e históricas, procurámos comprovar que a realidade foi a fonte de inspiração do poeta e que dela partiu para versar de forma mordaz, e frequentemente insultuosa, sobre as mais diversas circunstâncias e se comprazer em ridicularizar, quantas vezes *ad nominem*, personalidades e anónimos.

Barbosa Machado, que na sua *Bibliotheca Lusitana* (MACHADO, 1741) louva Sucarelo afirmando-o como o expoente máximo do “estilo jocoserio”, não estava enganado quando salientou que “Das suas poesias se podiaõ formar diversos volumes”. Efetivamente, a obra do autor deu origem a uma edição crítica de considerável extensão, com dados irrefutáveis quanto à variedade e grande número de fontes testemunhais que conseguimos recensear, onde constam textos do cânone de Sucarelo ou, com maior ou menor certeza, a ele imputados.

Com efeito, recenseámos três manuscritos principais (dois deles antologias manuscritas exclusivas e outro com uma secção autónoma dedicada ao poeta), que se encontram em duas bibliotecas nacionais e uma estrangeira, a saber o Ms. 544 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (com 17 poemas); o Ms. 755 da Biblioteca Pública Municipal do Porto (com 72 poemas) e o Ms. 30767 da British Library (com 61 poemas). A sua obra encontra-se também dispersa por, pelo menos, 162 manuscritos secundários de dez bibliotecas portuguesas e cinco estrangeiras. Relativamente a testemunhos impressos, lográmos arrolar catorze modernos e oito antigos, entre os quais a décima “Esta avaramente dura” e o soneto “Lágrimas brandamente derramadas”, que foram publicados nas *Memorias fúnebres*, uma antologia de 1650, em homenagem a D. Maria de Ataíde, por altura da sua morte (BRUNO, 1907, p. 263)⁴. A obra, para além de incluir uma oração fúnebre do Padre António Vieira, conta com numerosas composições poéticas de personalidades de destaque na época, como o Conde de Castelo Melhor e o Conde da Ericeira e de poetas de renome como Soror Violante do Céu, António Barbosa Bacelar, D. Francisco Manuel de Melo e Duarte Ribeiro de Macedo. João Sucarelo ombreou com os melhores da época, o que não deixa de constituir um dado muito significativo relativamente à sua importância.

No final do nosso inventário, e após termos analisado 523 versões,

⁴Sampaio Bruno (1907: p. 263) afirma sobre a participação de Sucarelo nas *Memorias fúnebres*: «Ninguém diria que versejador tam desabrido se apurasse na compostura que exige a situação deplorativa perante o feretro de D. Maria de Athayde; alli não quedara elle, se permanecendo “medico famoso”, o “maior poeta comico do seu tempo”».

considerámos 97 poemas do cânone do poeta, 8 poemas de autoria duvidosa e 10 réplicas. Excluimos 18 poemas, num ou noutro testemunho atribuídos ao autor.

E o *disparate do esquecimento* começa precisamente com a negligência a que ele tem sido sujeito, quanto menos seja pela quantidade dos seus escritos, pela considerável dimensão numérica dos seus copistas e pelo interesse e admiração que neles suscitou.

Terá sido um homem afamado, se tivermos em conta as afirmações do Dr. Duarte Ribeiro de Macedo, “A Vós, senhor João de Sucarelo, / Que deste ao mais remoto paralelo / Sabeis chegar co’a fama”, numa silva que dedicou ao autor. Foi também apelidado de “famoso poeta” pelo copista, cujo nome desconhecemos, do Ms. 1203 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, na legenda ao poema “Que fio de ouro, que cabelo ondado”.

É incontornável que as grandes antologias do século XVIII não o valorizaram o suficiente para legarem os seus poemas à posteridade com versões impressas. Nos vários tomos de *A Fenix renascida*, apenas surge um poema do cânone de Sucarelo – a décima “Aqui neste posto escuro” –, que é apresentada como sendo anónima, e o romance “Por entre um bosque de Ninfas”, com autoria atribuída a Duarte Ribeiro de Macedo, mas do qual arrolámos mais três versões, duas das quais o atribuem a Sucarelo⁵. O editor Matias Pereira da Silva deixara bem claro obedecer a um critério moral nas composições que selecionara, as quais que não poderiam ser “profanas e impudicas”. Muitos dos textos de Sucarelo não se enquadravam nessa categoria, não só pelas temáticas abordadas com humor e causticidade, numa linguagem ora intrincada, repleta de duplos sentidos, ora solta, desembaraçada, não raras vezes picante e temperada com obscenidades, como pelo facto de o poeta se ter assumido muito claramente como representante da contracorrente que rejeitou a poesia barroca que se afirmava pela exuberância vocabular, pela ostentação estilística e pelo rebuscado dos conceitos, parodiando de forma feroz e engenhosa os excessos poéticos dos seus contemporâneos⁶, optando, ao invés, por uma faceta mais vulgar e

⁵ É também do autor que nos ocupa a décima “Aqui, Senhor Regedor”, publicada nas *Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo*. Nos dois tomos de *Postilhão de Apolo...* (1761 e 1762, respetivamente) editado por Joseph Maregelo de Osan, um anagrama José Ângelo de Moraes, não consta qualquer poema de Sucarelo.

⁶ Sobre este assunto, leia-se AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de, *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*. Dissertação de Doutoramento em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971: pp. 135-136, na abordagem que faz a dois poemas de Sucarelo, a saber “Esta vil poluição do entendimento” e “Ó tu, que sibilante bamboleias”, que transcrevemos: “Soneto// A João Rebelo Pegas, que fazia um livro ridículo que intitulava “Política amorosa em frase culta”// Esta vil poluição do entendimento./ política amorosa em frase culta./ em que o Destino avaro hoje tumultua./ por obra, por palavra e pensamento./ caso sempre será de esquentamento./ memória

obscena, cheia de humor e sarcasmo, em suma, mais popular. Nesta conformidade, condenou os “triquestroques”⁷ da poesia e da prosa, o cultismo da palavra e do pensamento, que origina enigmas e labirintos e dificulta o entendimento, aliou os preciosismos cultistas ao vocabulário escatológico e satirizou as metáforas estranhas e as “artificiosas filigranas verbais”.

A versatilidade e importância da obra do autor comprova-se também não só pela diversidade de formas poéticas que utilizou (dísticos, décimas, quintilhas, redondilhas, romances, silvas, sonetos e tercetos), como pela profusão de temáticas e assuntos, alguns comuns a poetas da mesma corrente e que vão desde a autocaracterização irônica e descomplexada de homem formoso “das ancas {a}té à cabeça./ [...] com mil roscas de manteiga.”, até heterocaracterizações satíricas, que tiveram como alvos tipos sociais e profissionais da época: os profissionais da Justiça, o judeu, o homossexual, o bêbedor, o frade, a freira, estes últimos com particular acutilância; ela, traidora, ardilosa, amiga de dinheiro, alcoviteira, ingrata, cruel, folgazã; ele, o grande rival nos jogos sexuais praticados na grade, uma vez que o autor assume abertamente a sua própria condição de freirático. Alude às situações banais do quotidiano, relatando a pendência entre dois bêbedos, criticando o aumento do preço do carneiro, mencionando a eleição de uma nova abadessa ou referindo hábitos alimentares e diversões. Numa poesia com o seu quê de crônica social, expõe situações em praça pública, alude aos eventos festivos nos conventos, denuncia o comportamento dissoluto de representantes da alta sociedade e refere as intrigas e a licenciosidade na corte, onde facilmente se enganam “maridos tontos”.

Em colisão clara com o passado, apresenta uma visão da mulher e do amor em nada idealizados. Ela, apesar de rubis, perlas, cristal, safiras, prata e ouro, é ingrata e cruel e está sujeita às funções biológicas mais básicas; o amor é para ser fluído fisicamente e deve “ser atrevido” para “ser venturoso”.

Não faltam também reflexões em torno das misérias da vida e da efemeridade da existência humana: denuncia a penúria e as dívidas que o

sempre torpe, sempre estulta,/ pois quanto em labirintos dificulta/ merece em maldições o sofrimento.// Ó Pegas!, pego, inundação, tormenta/ aonde deu à costa infaustamente/ essa alma bruta que teu corpo alenta.// Ludíbrio vivirás perpetuamente/ porquanto o mar abraça, o sol aquece,/ pois começaste fábula da gente.” “De Sucarelo 58// A Frei Jerónimo de Moura, sobre os seus versos// Ó tu, que sibilante bamboleias/ farmacopoleando mil vizages;/ tu, que com Apolíneas vassalages/ o métrico fatal trapizondeias;/ sabe se culterante zeniteias/ amplexando linfáticas bagages/ que inexperto nas críticas ambages/ precipícios infaustos mausoleias.// Se horrídeos furibundos juvenetos/ fraudeliando a avena Pegazina/ tibieinar a Musa por jafetos,/ apesar do que a culta conglutina./ deixa capiroitados epítetos./ vai-te à clarificante Cabalina.”

⁷ O termo referente a “trocadilhos” é de Sucarelo e foi transcrito da Décima “Veio à revista nossa”.

levaram à prisão; manifesta saudades do passado, lastima o presente, “sombra vã” do que foi, e que o estimem apenas pela sua veia jocosa; alerta para a morte que desvanece a formosura e assume uma atitude pedagógica perante os vícios humanos, denunciando a corrupção, o suborno, o roubo e o nepotismo praticados por figuras públicas.

E o *disparate do esquecimento* acentua-se quando tão pouco se tem feito para contrariar as visões parcelares do passado, que defendiam ser de inteira justiça que a obra manuscrita do “parnaso seiscentista” jazesse a “delir-se nos arquivos”; que a poesia “Não exprime a vida; distrai da vida.”; que “[...] nenhum grande acontecimento ou problema, como nenhum grande sentimento, encontra eco nos cancioneiros barrocos.”; que “No que respeita, [...] às actividades especulativa, científica ou literária [...] eram todas, na verdade, eivadas dum formalismo, que já foi qualificado de sabotagem da realidade.”; que “Era um pouco a preferência dos libérrimos jogos de forma, porque se compensava o tolhimento da crítica e especulação, vigiadíssimas. Daí uma literatura de evasão, que não expressão da vida.”⁸, citando apenas algumas opiniões de eruditos como Maria de Lurdes Belchior Pontes, António José Saraiva e Hernâni Cidade.

Felizmente existem espíritos de contrariedade que, apresentando uma visão diametralmente oposta, não se conformam com o obliterado destino dos poetas satíricos portugueses, defendendo que o estudo do Barroco literário português se encontra assaz incompleto, tendo em conta que muitas miscelâneas continuam soterradas, carecendo, como refere Aguiar e Silva, de “um autêntico labor de arqueologia literária”⁹, e que “um balanço seguro acerca da poesia barroca portuguesa só pode ser feito (...) à medida que sejam publicadas edições críticas”¹⁰, que tardam em aparecer, para que “o próprio frêmito que percorre este estilo atormentado [resultado] das tensões ocultas.” seja trazido para as luzes da ribalta de forma a tentar contrariar-se o *disparate do esquecimento* e a perceber-se com o rigor que se impõe se “Há um Barroco português ou um Barroco em português?”¹¹

Lamentavelmente, a resposta tarda em chegar!

⁸ Idem, *ibidem*.

⁹ Vd AGUIAR E SILVA (1971), *op. cit.*, p.104.

¹⁰ AGUIAR E SILVA, *op. cit.*, p. 531.

¹¹ A questão foi muito pertinentemente levantada por Rui Bebiano em *CLARO-ESCURO*. Revista de Estudos Barrocos. Lisboa: Quimera, 4-5, 1990, p. 10, que acrescenta «É inegável, especialmente nos domínios artístico e literário, a existência de um barroco em português. Mas está por definir se há um barroco caracteristicamente autóctone, individualizável e não necessariamente periférico. A multiplicação dos estudos poderá dar, em breve, uma resposta razoavelmente clara a esta dúvida.».

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de, *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*. Dissertação de Doutoramento em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971: pp. 135-136,

ARES MONTES, José, *Góngora y la Poesia Portuguesa del Siglo XVII*. Madrid: Editorial Gredos, 1956: p. 44

CARVALHO, José Adriano de Freitas, *Tomé Tavares Carneiro. Outavas à Jornada pelo Douro acima com uns amigos*. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» / Edições Afrontamento, 2012.

CIDADE, Hernâni, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*. 4.^a ed., 1.^o Vol. Lisboa, Coimbra Editores, 1959, p. 389.

CIDADE, Hernâni, *Portugal Histórico-Cultural*. Lisboa: Presença, 1985, p. 118.

CIDADE, Hernâni, Prefácio de *A Poesia lírica cultista e conceptista*. 2.^a ed., Lisboa: Seara Nova, 1942, p. ix.

DUARTE, Maria do Céu Pereira, *“Musa, paremos aqui”: biografia e cânone autoral do poeta João Sucarelo Claramonte (1619-1668)*. Tese de Doutoramento apresentada na Faculdade de Filologia da Universidade de Salamanca, 2016.

DUARTE, Maria do Céu Pereira, *Leitura histórico-biográfica da poesia de João Sucarelo Claramonte*. Dissertação de Mestrado apresentada no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, 2012.

MACEDO, Duarte Ribeiro de, *Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, Cavalleiro da Ordem de Christo, do Conselho de Sua Majestade, e do de sua Real Fazenda, Enviado que foi às Cortes de Pariz, de Madrid, e de Torim*. Tomo II. Lisboa, Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767, pp. 306-307.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana Hittorica, Crítica e Cronologica* na qual se coimpreheende a noticia dos Authores Portuguezes, e

das Obras, que compuserão desdeo tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente. 4 tomos. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741.

Manuscrito 755 do Fundo Geral da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

PONTES, Maria de Lurdes Belchior, *Frei António das Chagas. Um homem e um estilo do século XVII*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953, p. 146.

SARAIWA, António José, *Iniciação na Literatura Portuguesa*. Lisboa: Gradiva, Publicações, L.^{da}, 1996, p. 82.

SARAIWA, António José; LOPES, Óscar, *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 10^a ed., 1978, p. 540.

Recebido em 9 out. 2020

Aprovado em 9 jan. 2021